

19ª SEMANA DE ENFERMAGEM



Local: Hospital de Clínicas de Porto Alegre

12 a 14 de maio de 2008



Resumos 2008

**HOSPITAL DE CLÍNICAS
ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO GRANDE DO SUL**

“Enfermagem na Proteção e Segurança à Saúde”

12 a 14 de maio de 2008

Local

Anfiteatro Carlos César de Albuquerque
Hospital de Clínicas
Porto Alegre – RS

HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE (HCPA)

Presidente: Sérgio Carlos Eduardo Pinto Machado

Vice-Presidente Médico: Amarílio Vieira de Macedo Neto

Vice-Presidente Administrativo: Fernando Andreatta Torelly

Coordenadora do Grupo de Pesquisa e Pós-Graduação: Nadine Oliveira Clausell

Coordenadora do Grupo de Enfermagem: Ana Maria Müller de Magalhães

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

Reitor: José Carlos Ferraz Hennemann

Vice-reitor: Pedro César Dutra Fonseca

ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RGS (EE-UFRGS)

Diretora: Liana Lautert

Vice-diretora: Eva Neri Rubim Pedro

S471e Semana de Enfermagem (19. : 2008 : Porto Alegre)

Enfermagem na proteção e segurança à saúde : resumos
[recurso eletrônico] / 19. Semana de Enfermagem ; [organização]
Grupo de Enfermagem do Hospital de Clínicas de Porto Alegre,
Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul ; coordenadora do evento : Ninon Girardon Rosa. – Porto
Alegre : HCPA ; UFRGS, Escola de Enfermagem, 2008.
1 CD-ROM

1. Enfermagem – Eventos. 2. Saúde do trabalhador. 4. Segurança
do trabalho. I. Hospital de Clínicas de Porto Alegre. II. Universidade
Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Enfermagem. III. Rosa,
Ninon Girardon. IV. Título.

NLM: W3

Catlogação pela Biblioteca da Escola de Enfermagem.

**A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA DOR EM DIFERENTES CULTURAS:
PONTO DE PARTIDA PARA UM OLHAR DIFERENCIADO EM PEDIATRIA.**

Ferreira, Anali Martegani¹
Predebon, Caroline Maier²
Tecchio, Cleocir M.³
Dall Agnol, Cleomira⁴
Arbo, Jolileine⁵
Johann, Marta Freitas⁶
Issi, Helena Becker⁷

¹Mestranda em Enfermagem - Escola de Enfermagem/UFRGS. Especialista de Terapia Intensiva. Enfermeira da Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica do HCPA. Contato: anali@pop.com.br. Celular: 92824454.

²Especialista em Pediatria. Enfermeira da Unidade de Internação Pediátrica 10º Norte/HCPA. Professora Substituta da Escola de Enfermagem/UFRGS. Contato: carolmprede@yahoo.com.br

³ Enfermeira da Unidade de Transplante de Medula Óssea.

⁴ Enfermeira da Unidade de Internação Pediátrica 10º Sul/HCPA.

⁵ Enfermeira do Serviço de Emergência - HCPA.

⁶ Enfermeira da Unidade de Oncologia Pediátrica 3º leste/HCPA.

⁷Mestre em Educação. Enfermeira Chefe do Serviço de Enfermagem Pediátrica do HCPA. Professora da Escola de Enfermagem da UFRGS. Contato: hissi@hcpa.ufrgs.br

CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO: Para realizar o cuidado à criança com dor e sua família deve-se considerar a dor como um fenômeno sempre presente na história da humanidade, o qual é influenciado por diversos fatores sócio-culturais, fisiológicos e comportamentais. Nesse sentido considera-se importante a compreensão do significado da dor em cada período histórico.

OBJETIVO: Descrever os marcos norteadores sobre o tema dor numa perspectiva histórica como ponto de partida para implantação da avaliação da dor como 5º sinal vital na área do cuidado à criança hospitalizada.

METODOLOGIA: Trata-se de uma pesquisa bibliográfica pautada na revisão de literatura¹ com base em um trabalho de interação entre enfermeiros docentes da escola de nível médio (formação técnico em enfermagem) e enfermeiros das diferentes áreas que atendem crianças no HCPA. Tal atividade teve como intuito embasar ações de cuidado à criança, culminando com estratégias para implantação da avaliação da dor como 5º sinal vital no Serviço de Enfermagem Pediatria do Hospital de Clínicas de Porto Alegre – HCPA. Inicialmente formou-se o Grupo de estudos sobre dor em pediatria, que desenvolveu uma revisão histórica sobre o tema, o que ancorou a experiência de sensibilização para olhara a dor em crianças hospitalizadas. Tal ação interativa visa a melhoria da assistência prestada à criança hospitalizada, bem como atender uma meta institucional de implantação da avaliação da dor como 5º sinal vital.

RESULTADOS: A dor sempre esteve presente na vida humana, desde os primórdios das civilizações até os dias atuais, sendo percebida e representada de diferentes maneiras, sob a influência do período histórico vivido. Para os povos primitivos, a dor era vista como uma impureza que necessitava de um ritual para purificação. Na Índia, a dor era relacionada a emoções relevantes. Para os chineses, a dor estava ligada ao excesso ou deficiência de certos fluidos no organismo. No Egito Antigo, a dor que não tinha uma causa visível era considerada como uma obra de maus espíritos e uma punição dos deuses². Nesse período há

registros de vários fármacos analgésicos. Na Mesopotâmia e no Egito antigo, encontram-se os primeiros registros do uso ópio. Já na América pré-colombiana, os Maias e Astecas faziam uso de alucinógenos e os povos Andinos usavam o arbusto da cocaína como forma de tratamento para aliviar o sofrimento, o que nos mostra a grande preocupação desses povos com o alívio da dor. É importante ressaltar que no tratamento da dor eram incluídos medicamentos e venenos, denominados de *pharmakon*, recursos dietéticos e também o uso da palavra, musicoterapia, astrologia e banhos de ervas ². Desde a antiguidade, questões relacionadas à dor promoveram reflexões filosóficas. Na Grécia antiga (500 a.C – 100 d.C), havia entendimento de que o cérebro e os nervos constituíam-se nas estruturas responsáveis pela sensação de dor, a qual poderia ter origem traumática, ambiental ou ser um castigo dos deuses ². Na Era Cristã 100 d.C – 450 d.C, podemos citar grandes pensadores, entre eles, os filósofos Platão, Aristóteles e Hipócrates. Aristóteles (384-322) acreditava que a estimulação dolorosa era conduzida ao coração através do sangue. Platão (427-347 a.C.) atribuía dor às emoções e Hipócrates considerava a dor um desequilíbrio da natureza, que o levava a buscar respostas com o objetivo de reduzir sofrimentos ². Segundo a mitologia romana, a dor era representada pela divindade mitológica *Poena*, que aparece como Mãe das Fúrias, sendo uma das Divindades Infernais. Este símbolo representa e demonstra a importância que a dor tinha para os povos antigos, e nos leva a refletir sobre o quanto a dor ao longo da história, instigou a mente humana e ainda hoje permeia seu imaginário. Na Idade Média a Filosofia de Aristóteles seguia vigente, porém com modificações, pois o coração como centro das emoções já não era mais ceno comum, desaparecendo como o centro da percepção da dor². Após o Renascimento, o Sistema Nervoso Central surge como mecanismo fundamental nas sensações de dor, mostrando avanços nos estudos da fisiologia, através da qual se explica o mecanismo de nocicepção. A partir dessa compreensão iniciaram-se novos entendimentos sobre a dor. Em 1664, Descartes introduziu o conceito da dor como uma sensação percebida no cérebro, em decorrência de um estímulo dos nervos sensoriais. No final do século XIX foi divulgada a Teoria do Portão de Estímulos ou da Somação, segundo a qual a sensação da dor dependeria da intensidade do estímulo. Já no século XX, destacam-se alguns estudos clássicos sobre o desenvolvimento neurofisiológico da nocicepção ^{3,4}. Em 1973, foi fundada a Associação Internacional para Estudos da Dor – IASP, que em 1986, definiu a dor como uma experiência emocional e sensorial desagradável, associada a lesões teciduais reais ou potenciais. Porém se faz necessário acrescentar que a dor também envolve fatores sensitivos, emocionais, cognitivos e comportamentais ⁵. No Brasil, em 1990, foi publicada a Lei 8.069, Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) ⁶, o qual garante à criança e ao adolescente proteção a vida e a saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que favoreçam o desenvolvimento harmonioso em condições dignas de vida. Em 1995, foi criada a Sociedade Brasileira de Estudos da Dor, mostrando a preocupação da comunidade científica, bem como da sociedade brasileira, com as questões relacionadas a dor do indivíduo. Nesse mesmo ano foi lançada a Resolução nº 41 ⁷, que versa sobre os Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados, a qual destaca em seu item 7, que toda criança tem o direito de ter sua dor aliviada quando existem meios para alivia-la. Em 2000, durante o Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira para Estudos da Dor, foi aceita a proposta para criação do Comitê de Pediatria na Sociedade Brasileira para Estudos da Dor, tendo como finalidades propagar conhecimentos

sobre a dor em pediatria, mostrando que seu tratamento é tão importante quanto em adultos, ação esta que veio ao encontro da legislação vigente. A partir de 2006 outras orientações, tais como, a carta dos Direitos do paciente usuário da saúde/MS – 2006⁸ reforçam a relevância do tratamento e alívio da dor. É importante ressaltar que no HCPA, a dor vem sendo valorizada, através do trabalho realizado no Ambulatório de Dor Crônica - direcionado ao paciente adulto, por uma equipe multidisciplinar, demonstrando a preocupação institucional com o tratamento da dor. Outras ações foram realizadas nesta instituição, voltadas para avaliar e minimizar a dor do paciente hospitalizado nas diversas situações experienciadas. Entre estas, destaca-se, no ano de 2002, a implantação da dor como 5º sinal vital, para pacientes em pós-operatório, na unidade de recuperação pós-anestésica. Seguindo esta tendência, iniciativa semelhante está sendo desenvolvida no Serviço de Enfermagem Pediátrica - SEPED, tendo seu início organizado através da criação de um Grupo de estudos sobre dor na criança oncológica, por enfermeiras da Unidade de Oncologia Pediátrica. A partir desse marco, iniciou-se um projeto de desenvolvimento, o qual culminou com a implantação da avaliação da dor com 5º sinal vital nessa unidade. Pela relevância desse trabalho, a avaliação da dor como 5º sinal vital está sendo inserida em todo o serviço de pediatria, através de um processo de sensibilização para olhar a dor na criança, voltada para todos os profissionais cuidadores de crianças das diversas áreas do hospital. Iniciativa esta que vai ao encontro de uma meta institucional do HCPA. A equipe multidisciplinar através de um trabalho de sensibilização baseado no desenvolvimento de metodologias de cuidado contribui para um ambiente hospitalar sem dor⁹. Essa iniciativa tem como objetivo a implantação da avaliação da dor na criança, buscando dados acurados para determinar as ações a serem realizadas para aliviá-la. Nesse processo torna-se importante a atuação da equipe multiprofissional, na abordagem com um olhar sensível à criança com dor e sua família inseridas no contexto hospitalar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Apesar de a dor representar uma experiência existencial de inigualável repercussão para a natureza humana, na criança o tema tem despertado interesse em estudos mais contemporâneos. Este trabalho parte do pressuposto que conhecer a história da dor sob o prisma de diferentes culturas, abre o caminho para um processo de implantação da dor como 5º sinal vital no cuidado de crianças hospitalizadas, alicerçado em referencial historicamente valorizado e reconhecido como ponto de partida. O resgate dos estudos da dor em sua historicidade, situa e respalda o cuidador para um olhar sensível e diferenciado em Pediatria.

Palavras Chaves: Revisão histórica da dor, Criança hospitalizada, Dor como 5º sinal vital.

REFERÊNCIAS:

- Gil, A C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- Silva Y P, Silva JF. Dor em pediatria. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2006.
- Grunau R. Early pain in preterm infants: a model of long-term effects. Clin Perinatol. 2002;29:373-94.
- Okada M, et. al. Dor em pediatria. Rev Med. 2001; 80(ed. esp. pt.1):135 – 56.
- Brasil. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069, de julho de 1990.
- Brasil. Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados. Resolução nº 41, de outubro de 1995. Ministério da Justiça. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, 1999.

-
- Hockenberry MJ, Wilson D, Winkelstein ML. Wong fundamentos de enfermagem pediátrica. 7. ed. Rio de Janeiro. Elsevier, 2006.
 - Brasil. Ministério da Saúde. Direitos do paciente usuários da saúde. Série F. Comunicação e Educação em Saúde, 2006. www.portal.saude.gov.br. Acessado em 21/04/2008.
 - Boettcher CL. Dor na criança: um universo a ser desvendado. Trabalho de Conclusão de Curso. Escola de Enfermagem – UFRGS, 2007.